

SANTIAGOS PONIENTES **ou formas de conceber um projeto urbano**

Autor: **Gisela Barcellos de Souza**
Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura – Departamento de Urbanismo
e-mail: gbarcellosdesouza@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo pretende contribuir para a compreensão dos limites semânticos do que se entende por projeto urbano por meio da análise comparada de duas propostas para o bairro *Santiago Poniente* em Santiago do Chile – uma de 1977 e outra de 1991. Ainda que a segunda tenha sido proposta como resgate e reafirmação da primeira e que ambas tenham tido o envolvimento dos mesmos autores em sua concepção – que objetivava a preservação e a valorização dos padrões tipo-morfológicos encontrados naquele bairro –, os projetos diferem significativamente. A hipótese que se pretende demonstrar é que a passagem temporal revela as vicissitudes das ideias: o primeiro olhar sobre o bairro era especulativo e provocativo; o segundo era pragmático e conciliatório, buscava viabilizar sua execução. Em ambos, no entanto, revela-se o aspecto do projeto como forma de investigação e de produção de conhecimento sobre um determinado território.

Palavras chave: Projeto urbano; *Santiago Poniente*; circulação das ideias, tipo-morfologia.

ABSTRACT:

This article aims to contribute to establish the semantic boundaries of what is meant by *urban project* in Latin America through the comparative analysis of two proposals for *Santiago Poniente* neighborhood in Santiago, Chile: one developed in 1977 and the other in 1991. Although the fact that the latter was proposed as rescue and reassurance of the first one – which aimed the preservation and development of typo-morphological standards found in that neighborhood – and that the same authors designed both; the two projects differ significantly. The hypothesis that we seek to demonstrate is that the temporal passage reveals the vicissitudes of ideas: the first look at the neighborhood was speculative and provocative; the second was pragmatic and conciliatory, seeking to enable its implementation. In both, however, remains the aspect of the project understood as a way to research and to product new knowledge on a given territory.

Key words: Urban Project, *Santiago Poniente*, circulation of ideas, typo-morphology.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pelos fragmentos urbanos ou pelas “partes da cidade”, em detrimento da visão de conjunto e das abordagens regionais que haviam predominado desde o segundo pós-guerra (HALL, 1988 e 1975; CALABI, 2012) – e que, no caso particular da América Latina, fora testemunhada pelo deslizamento na própria nomenclatura disciplinar, que passo de *urbanismo* para *planejamento urbano e regional* (ALMANDOZ, 2015) –, marcou parte significativa das intervenções urbanísticas a partir dos anos 1980. Acompanhando tendências internacionais, no subcontinente supracitado este novo olhar “sinaliz[ou] retorno do *urbanismo* latino-americano para a cidade e para o tecido espacial que tinham sido ignorados pelo planejamento normativo e pelo *ordenamiento territorial*” (ALMANDOZ, 2015:160). A intensidade da recorrência a estas figuras, ou *leitmotiven*, foi frequentemente utilizada a fim de caracterizar a emergência na Europa de uma “cultura do projeto urbano” (cf. TSIOMIS e ZIEGLER, 2007; SAINZ GUTIERREZ, 2006; DUARTE e SEIGNERET, 2011; TERÁN, 1999, INGALLINA, 2001) nos anos 1970 e 1980 ou do que Manuel de Solà-Morales definia como o “urbanismo de arquitetos” (SOLÀ-MORALES, 1984) – aquele realizado sob o ponto de vista do arquiteto-urbanista¹.

Ambas as expressões, seja a “cultura do projeto urbano” – ou seja, o conjunto de produções discursivas e propositivas que apoia a intervenção na cidade “por partes” – ou “urbanismo de arquitetos”, permitem, em sua amplitude, cobrir o lapso de uma definição conceitual precisa da noção de “projeto urbano”. Ora, como se sabe, a intervenção na cidade por meio de projetos não é uma invenção recente – visto que “plano” e “projeto” são palavras radicadas na própria história do urbanismo como prática (cf. NOVICK, 2012, 2009 e 2005; SECCHI, 2006 e 2009) –, menos ainda é fruto simplesmente da revisão crítica do urbanismo modernista, como seu surgimento foi correntemente justificado (cf. HUET, 1987)². A despeito do grande volume de textos que, ao longo dos anos 1980, definiram o “projeto urbano” como uma nova alternativa à crise do planejamento; observa-se uma significativa dissonância na precisão de seus limites semânticos – passando inclusive por variações de nomenclaturas (BORJA, 2003; MARTINS, 2012). A passagem dos anos não parece ter tornado esta tarefa mais fácil. O simples cotejamento entre as diferentes abordagens de intervenções possíveis a partir desta noção elencadas por Lungo (2005), Ingallina (2001), Masboungi (2002), Borja (2003) e Busquets (2008) ratifica esta afirmação. Reconhecendo o caráter nebuloso e ambíguo do que se entende por “projeto urbano”, Tsiomis e Ziegler afirmariam que:

Na realidade, trata-se de uma noção que, de acordo com o país ou a cidade em questão, devido aos diferentes dispositivos, às legislações particulares e às interpretações que destes são feitas, toma novos significados e se apoia em critérios distintos (TSIOMIS e ZIEGLER, 2007:25).

A despeito do fato de que o uso desta expressão não seja *per se* inovador na prática do urbanismo e que sua definição não seja consensual nem precisa, suas frequência e relevância na cultura urbanística recente não podem ser ignoradas ou mesmo minoradas. Como Tsiomis e Ziegler verificam, “ainda que a noção de projeto urbano seja contraditória, e mesmo contestável, todo mundo afirma realizar projetos urbanos” (TSIOMIS e ZIEGLER, 2007:25).

O presente artigo pretende contribuir para a compreensão dos limites semânticos do que se entende por projeto urbano por meio da análise comparada de duas propostas para o bairro *Santiago Poniente* em Santiago do Chile. Separadas por um lapso temporal de quatorze anos, ambas tiveram o envolvimento dos mesmos autores em sua concepção, foram motivadas pela possibilidade de apresentação em um evento e objetivavam a preservação e a valorização dos padrões tipo-morfológicos encontrados naquele bairro. Contudo, ainda que o projeto de 1991 tenha sido postulado como um resgate e reafirmação da proposta de 1977, ambos diferem significativamente. A hipótese que se pretende demonstrar é que a passagem temporal revela vicissitudes na forma de se conceber a cidade por partes: o primeiro olhar sobre o bairro era especulativo e provocativo – visava gerar polêmica em meio à comunidade especializada –; o segundo era pragmático e conciliatório, buscava viabilizar sua execução. Em ambos, no entanto, revela-se o aspecto do projeto como forma de investigação e de produção de conhecimento sobre um determinado território (cf. NOVICK, 2009).

¹ Trata-se de uma clara referência à ideia de “unidade arquitetônico-urbanística” proposta Samonà nos anos 1950 (BIRAGHI, 2008).

² O peso desta crítica, no entanto, passou a ser minorado a partir do final dos anos 1980; neste sentido, remetemos a: SOLA-MORALES, 1987; PORTAS, 1996; PORTAS, 2004.

A demonstração aqui empreendida apoia-se, para tanto, na análise comparada de aspectos externos e internos ao projeto: os primeiros permitem inseri-los dentro do contexto da circulação das ideias e sua interface com o momento da cultura disciplinar local em que foram concebidos; os segundos – por meio da descrição e análise de suas bases e do grau de preocupação com sua viabilidade – revelam como os seus autores interpretaram e materializaram estas questões na proposta.

2. SANTIAGO PONIENTE CONTESTATÓRIO: O PROJETO URBANO COMO MANIFESTO

No ano de 1977, durante a primeira Bienal de Arquitetura do Chile, se deu a primeira aparição pública do CEDLA – coletivo de arquitetos chilenos que foi um dos responsáveis pela introdução do debate de revisão do Movimento Moderno naquele país (cf. PÉREZ OYARZUN, 2007 e LIERNUR, 2007). O evento que marcou o primeiro manifesto de seus arquitetos foi a apresentação de uma proposta de intervenção urbana para o bairro *Santiago Poniente*, na qual sintetizavam as ideias que defendiam. Concebido como um instituto privado de investigações, por meio do Centro de Estudios de la Arquitectura – CEDLA – elaboraram-se publicações e projetos, organizaram-se seminários e exposições. Ainda que o grupo tenha experimentado uma vasta gama de atuações na esfera da cultura disciplinar entre fins de 1970 e meados dos anos 1980 e que tenha editado uma revista – a ARS – que se manteve por dez anos, a constituição de sua identidade coletiva em si permaneceu vinculada à elaboração deste projeto urbano inicial (ELIASH, 1993; ELIASH, 2011).

Tal qual os projetos urbanos que eram propostos naquele momento no continente europeu (TSIOMIS e ZIEGLER, 2007; SAINZ GUTIERRES, 2006; DUARTE e SEIGNEURET, 2011; MASBOUNGI, 2002; GREYER, 2002; INGALLINA, 2001), a proposta do CEDLA para *Santiago Poniente* também vincula-se aos desdobramentos dos estudos tipo-morfológicos italianos. Neste contexto, trata-se do primeiro experimento chileno, uma das primeiras traduções culturais da produção teórica de Aldo Rossi, de Léon e Rob Krier, entre outros. O contato inicial latino-americano com estes estudos deu-se mediado por profissionais emigrados – notadamente, Rodrigo Perez de Arce e Fernando Montes, que contribuíram significativamente para a construção deste debate na Inglaterra e na França, respectivamente (SOUZA, 2015) –, bem como por aqueles transitaram em curtas estadias pela Europa. Facilitada pela proximidade linguística e precocidade de versões espanholas de textos seminais como “A Arquitetura da Cidade” de Aldo Rossi – cuja tradução, realizada por Tarragó, foi publicada pela GG cinco anos após a edição italiana –; deve-se salientar que a reverberação deste debate no subcontinente ocorreu antes mesmo de sua difusão nos EUA (SOUZA e TORRENT, 2014).

Os primeiros passos que levariam a criação do CEDLA foram dados ainda em terras estrangeiras. Dois dos arquitetos que seriam responsáveis por sua organização, Cristián Boza e Humberto Eliash, conheceram-se casualmente na Inglaterra em 1975³ e, juntos, estabeleceram contato com o escritório de Stirling – que experimentava um giro significativo em sua prática projetual após a incorporação em sua equipe de Léon Krier⁴ (MONEO, 2008) – e com o ambiente cultural da *Architectural Association*⁵. A viagem de Boza a Londres fora motivada por questões de trabalho – visto que havia sido contratado para desenvolver projetos para a cidade nova Milton Keynes, logo após o golpe militar no Chile⁶. A estadia de Eliash, no entanto, resultou do prolongamento de uma viagem turística; após um *tour* pela Europa, o arquiteto chileno, então recém-formado, acabou decidindo permanecer um ano trabalhando em Londres e outro entre Madrid e Barcelona, regressando ao Chile em 1977. O contato com o ambiente cultural e os debates londrinos colocou em cheque a muitos aspectos que pareciam sólidos na formação de ambos os arquitetos chilenos e levou-lhes a “decidir por fazer algo” (ELIASH, 1993) em seu regresso ao Chile. Desta forma, constituiu-se o gérmen que daria lugar à fundação do CEDLA e à proposição do primeiro projeto para *Santiago Poniente*, concebido para sua apresentação na Primeira Bienal de Arquitetura do Chile, em 1977. Inicialmente, juntaram-se para elaboração deste projeto três escritórios de arquitetura: Boza, Lürhs e Muzard; Larraín

³ Eliash e Cristián Boza se conheceram em Londres por intermédio de Fernando Boza, irmão Cristián e colega de Humberto (ELIASH, 1993).

⁴ Léon Krier trabalhou no escritório de Stirling entre 1968 e 1974.

⁵ Nesta instituição, Boza foi assistente do atelier de Sue Rogers por um ano (BOZA, 2011).

⁶ Segundo Cristián Boza, James Stirling foi fundamental para a obtenção deste contrato. Durante o período em que esteve desenvolvendo sua pós-graduação em Desenho Urbano em Endiburgo (1968-1971), Cristián Boza foi conhecer o escritório de James Stirling. Em março de 1973, Cristián Boza contratou em seu escritório um arquiteto que fora assistente de Stirling, Robin Nicholson, que queria conhecer de perto o governo de Allende (NICHOLSON, 1993). A estadia deste arquiteto britânico foi encurtada devido ao golpe militar em 11 de setembro e, segundo Boza, James Stirling teria ficado simultaneamente agradecido por ter contratado seu assistente e preocupado com sua situação no Chile, conseguindo-lhe um contrato de trabalho na Inglaterra (BOZA, 2011).

Murtinho y Asociados, no qual trabalhava Eliash; e Flaño, Nuñez y Tuca – este último, no entanto, abandonou a empreitada logo em seu início (ELIASH, 1993).

Ainda que não tenha sido contratado por nenhum órgão ou instituição; o primeiro projeto que o CEDLA elaborou para o bairro *Santiago Poniente* respondia entre outros, a um parecer técnico encomendado em 1976 por Patrício Mekis – então prefeito de Santiago – sobre como promover a renovação das áreas urbanas deterioradas no centro da cidade (CEDLA, 1977). Neste parecer, definia-se como área prioritária de intervenção aquela na qual se insere a proposta desenvolvida pelo CEDLA em 1977, ou seja: a área compreendida entre a Av. Norte-Sul (atual Autopista Central), a Alameda Bernardo O'Higgins, a Av. Brasil e o rio Mapocho (CEDLA, 1977). O interesse por *Santiago Poniente*, no entanto, remonta ao início da década de 1970 e fora despertado pelos estudos que o arquiteto Fernando Domeyko realizou, com o auxílio de seus alunos da *Universidad de Chile* – entre os quais estava Humberto Eliash – sobre o espaço urbano deste bairro. Em seu levantamento sobre as *cités* e os antigos cortiços localizados no setor *Mapocho-Bulnes*, cujos desenhos resultantes foram expostos pela primeira vez em 1972 (FERNÁNDEZ LARRAÑAGA, 1991) e, posteriormente, publicados na Bélgica (DOMYKO, 1974), revelava-se a qualidade de espaços esquecidos no passado e até então desconhecidos para grande parte dos arquitetos (ELIASH, 2011).

O bairro *Santiago Poniente* guarda em seu tecido marcas da hibridação entre a quadrícula espanhola e as influências europeias diversas que marcaram a arquitetura chilena do século XIX (MURTINHO, 2011). Seu nome faz menção a própria história do bairro, visto que corresponde à área de expansão urbana a oeste do antigo núcleo colonial de Santiago, para além do chamado canal García Cárceres – que corresponde ao atual traçado da Avenida Brasil⁷. *Santiago Poniente* permaneceu como área de chácaras até meados do século XIX, quando o primeiro loteamento ao poente foi aberto, a chamada Vila Yungay (RAMÓN, 2000). A vinculação desta vila à área urbana do núcleo original se daria com a extensão da malha urbana colonial a oeste, promovida por Benjamin Vicuña Mackenna⁸ na década de 1870 (RAMÓN, 2000). Ao longo do século XX, dois fatores viriam a modificar o cenário deste bairro e contribuir para decadência de sua vitalidade urbana: de um lado, a crescente expansão urbana a leste do núcleo original, em direção à cordilheira – local em que se estabelecem as classes abastadas a partir dos anos 1930 –; de outro, a implantação durante a década de 1970 da *Avenida Norte-Sur* – projeto desenvolvido em 1965 por Juan Parrochia (PAVEZ REYES, 2003) – que rompeu com a estrutura viária colonial e que veio a configurar um novo limite ao centro metropolitano e isolar, desta forma, o bairro a oeste deste.

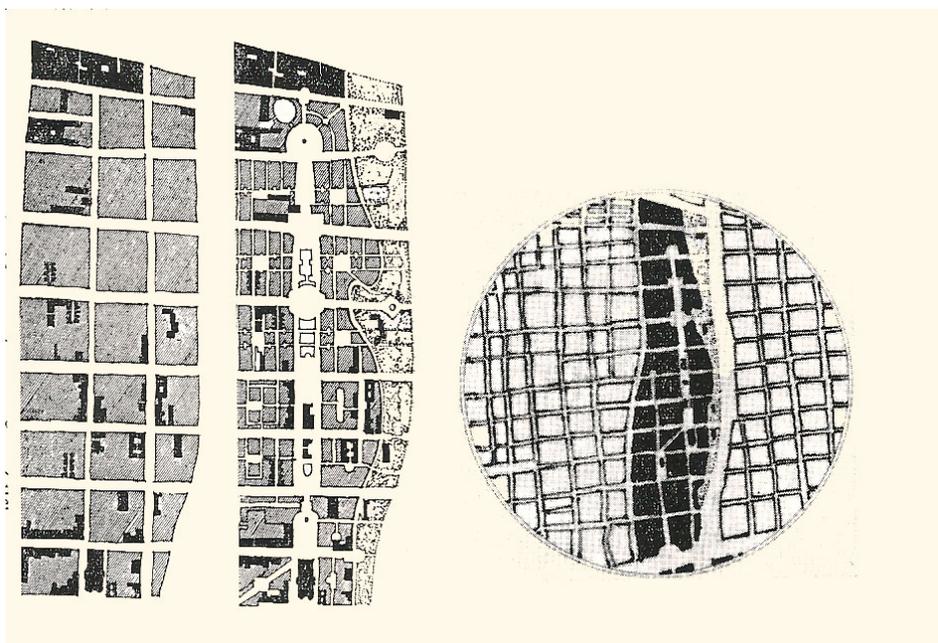


Figura 1: Projeto para *Santiago Poniente* desenvolvido pelo CEDLA, em 1977. Da esquerda para a direita: (a) situação existente no momento da realização da proposta, com destaque para os edifícios mantidos na proposta; (b) estrutura de espaços públicos do projeto, com destaque em preto para os edifícios conservados

⁷ O canal García Cárceres ligava o rio Mapocho ao que se chamava *La Cañada*, antiga bifurcação do Mapocho que existia onde hoje está a Alameda Bernardo O'Higgins (RAMÓN, 2000).

⁸ Benjamín Vicuña Mackenna foi prefeito de Santiago entre 1872 e 1875.

na proposta; (c) inserção do projeto em seu entorno imediato. Fonte: CEDLA, 1978.

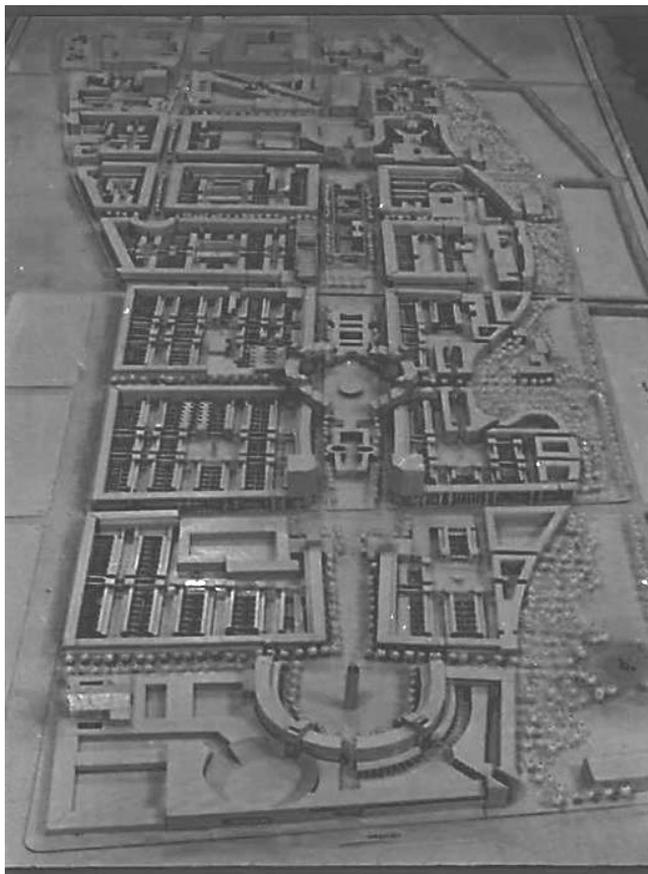


Figura 1: Maquete do projeto para Santiago Poniente de 1977.
Fonte: Acervo pessoal de Pedro Murinho.

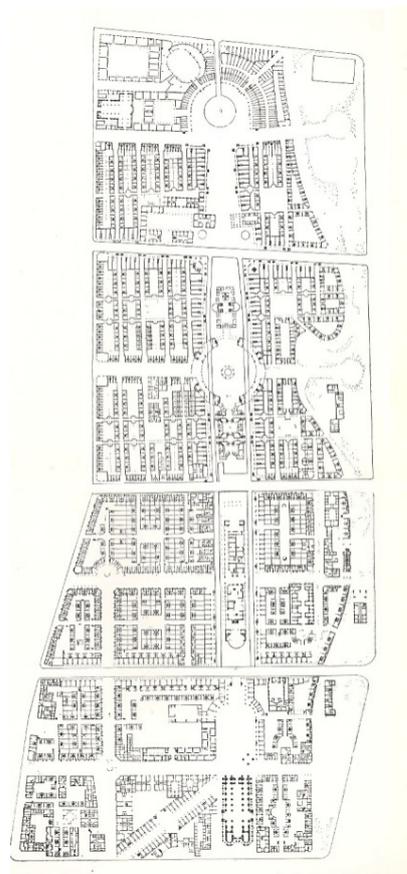


Figura 3: Planta do térreo do projeto urbano para Santiago Poniente. Fonte: CEDLA, 1978.

O projeto desenvolvido pelos escritórios *Boza, Lürhs y Muzard* e *Larraín Murinho y Asociados* marcava a oposição do CEDLA a duas grandes intervenções propostas para áreas históricas de Santiago entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970: a renovação de *San Borja* (1968-1970)⁹, amplamente criticada pelo coletivo – “era a implantação de torres sobre uma cidade do passado arrasada, torres no parque” (ELIASH, 2011) –, e o projeto para *Santiago Poniente* ganhador do concurso que se realizou durante a Unidade Popular, em 1972, elaborado por uma equipe de La Plata, que, com o golpe militar no ano seguinte, não se chegou a ser executado (ELIASH, 2011). Em ambos as densidades líquidas ultrapassavam a faixa dos mil habitantes por hectare. Neste contexto, projeto desenvolvido pelo CEDLA visava mostrar ser possível uma solução com alta densidade bruta – entre 550 a 600 habitantes por hectare –, baixa altura e buscando “uma continuidade tipológica à área existente” (CEDLA, 1978: 15).

Desta forma, com os ânimos inflamados pelas novidades trazidas do exterior por Boza e Eliash, as equipes de dois escritórios de arquitetura se reuniram para desenvolver o projeto para *Santiago Poniente*¹⁰. A despeito da ideia de continuidade com o tecido urbano adjacente, o projeto tratava a área de 69 hectares na qual se inseria como um setor autônomo, no qual, além de habitação, propunha-se, também, comércio, serviços, escritórios e equipamentos básicos. Embora alguns edifícios existentes tenham sido mantidos na proposta, para parte significativa apenas as fachadas ou os primeiros compartimentos eram conservados. O projeto desenvolvido se estruturava a partir de três ideias essenciais: (a) quarteirões penetrados por uma

⁹ O projeto de renovação de San Borja foi coordenado pelo arquiteto Ernesto Labbé Achondo, durante o governo de Frei. Encontra-se parcialmente executado e deve seu nome ao antigo Hospital San Borja que se encontrava no local de sua implantação, entre a *Alameda Bernardo O'Higgins* e a *Diagonal Paraguay*. Trata-se de um projeto de torres articuladas por passagens de pedestres cobertas e centros comerciais, com estacionamentos subterrâneos e densidade habitacional líquida de 1042 hab/ha e bruta 872 hab/ha – cf. LABBÉ A., 1971.

¹⁰ Participaram na elaboração do anteprojeto para Santiago Poniente: Pablo Astaburuaga, Cristián Boza, Ricardo Contreras, Miguel Castillo, Hernán Duval, Humberto Eliash, Luís González, Eugenio Guzmán, Guillermo Hevia, José Larraín, Roberto López, Teresa Lima Campos, Jorge Lührs, Pedro Murinho, José Muzard, Ignacio Martínez, Santiago Raby e Eduardo Walker (CEDLA, 1978).

trama secundária de espaços públicos que constituíam o elemento de base do projeto; (b) uma sequência de espaços públicos monumentais em seu centro; e (c) um parque linear que protegeria o interior do setor urbano do impacto advindo da proximidade com a Av. Norte-Sur – que então ainda não havia sido concluída, porém fora tomada como condicionante da proposta (CEDLA, 1978).

Nestes aspectos supracitados do projeto revelam-se ressonâncias de propostas de intervenção urbana que eram coetaneamente desenvolvidas na Europa. Algumas referências são declaradas no memorial, como o projeto para New Castle de Ralph Erskine, que servira de inspiração para a proposição de um edifício de altura variáveis frente ao parque linear “que protege[ria] a interioridade do bairro” (CEDLA, 1978:25). Na sequência de espaços públicos monumentais, constituída por uma *rambla* na qual se inseriam três grandes praças arrematadas ao sul pela *Basílica del Salvador* existente e ao norte por um mercado e um colégio propostos, observam-se reverberações não declaradas dos projetos que eram então desenvolvidos pelos irmãos Krier, que se ratificam no desenho de gosto neoclássico. Mais especificamente, percebem-se semelhanças entre a *rambla* do projeto do CEDLA – confirmada por um edifício contínuo com galerias cobertas e atividades comerciais no térreo– e aquela da proposta de Léon Krier desenvolvida para o concurso de *La Villette*, em 1976. Este projeto, não apenas era conhecido pelos arquitetos do grupo, como fora, também, usado como referência em suas experiências didáticas posteriores – cf. BOZA et al (1980).



Figura 2: Perspectiva do projeto desenvolvido por Léon Krier para o Concurso de la Villette de 1976. Fonte: BOZA et al, 1980.

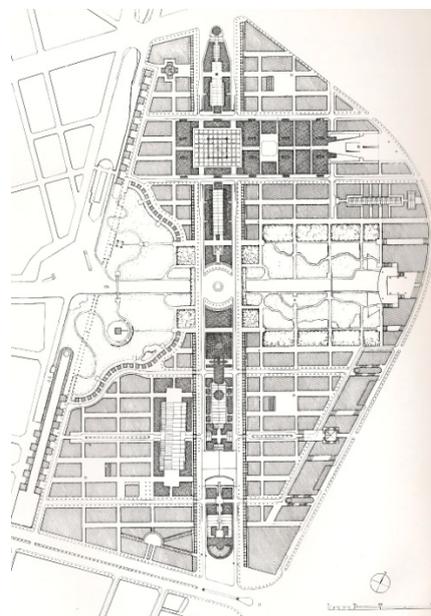


Figura 3: Projeto por Léon Krier para o Concurso de la Villette de 1976. Fonte: KRIER (org), 1978.

Contudo, é no elemento-base do projeto, a chamada “*manzana-block*” (CEDLA, 1978), que se revelam traços interessantes de uma mescla entre elementos trazidos da leitura do tecido urbano de *Santiago Poniente* – a ideia de recuperar o espaço urbano das *cités* e travessas do entorno – e outros que reverberam o debate internacional. Não se pode deixar de notar, no uso da expressão “*manzana-block*”, o interesse em remeter ao debate sobre a tipo-morfologia tal qual ele foi propagado no ambiente anglófono e a definição de “*building-block*” de Léon Krier que embasava sua afirmação de que “o grau de urbanidade [sic] de uma trama espacial pode ser avaliado na frequência de ruas e praças” (KRIER, 1978:74). Neste sentido, no projeto do CEDLA a quadrícula espanhola é rompida por uma série de ruelas e pequenas praças que criavam uma segunda trama de espaços públicos no interior do quarteirão.

Deve-se ressaltar a semelhança deste procedimento àquele da revisão e de subsidiação do quarteirão de Cerdá que Krier havia proposto como exercício didático um ano antes, o qual este arquiteto luxemburguês justificava da seguinte forma: “Se nós subdividirmos o quarteirão de Cerdá (113x113m) por duas ou três vias de pedestres, nos recriamos no Ensanche uma densidade estrutural similar a do centro histórico” (KRIER, SOLÁ-MORALES, 1978:33). Contudo, ao contrário de Krier, o CEDLA não rompia por completo com a estrutura da quadrícula espanhola, criando uma miríade de pequenos quarteirões. No projeto para *Santiago Poniente*, uma fachada perimetral contínua – de seis pavimentos – recuperava a geometria da quadrícula e protegia as *cités* e as travessas, conformadas por residências de 2 a 3 pavimentos (CEDLA, 1978).



Figura 4: O espaço típico de uma Cité, croqui do processo de elaboração do projeto para Santiago Poniente elaborado em 1977 pelo CEDLA. Fonte: CEDLA, 1977

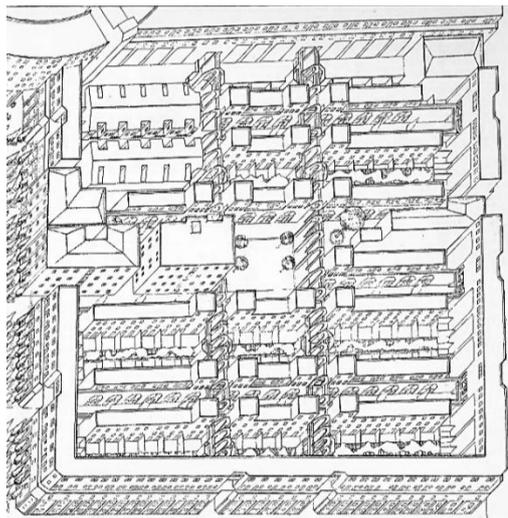


Figura 5: Quarteirão do projeto para Santiago Poniente elaborado em 1977, a borda edificada e a estrutura interna de cités e travessas. Fonte: CEDLA, 1978.

A apresentação do projeto na primeira bienal do Chile causou grande furor entre a plateia: : “Foi algo iconoclasta. Decidimos: vamos apresentar um projeto clássico [na bienal]. Foi um escândalo completo. Fomos tratados como conservadores” (MURTINHO, 2011). Contudo, apesar da polêmica gerada pelo projeto, este foi pouco efetivo para a alteração do processo ao qual se opunha. Passados quatorze anos, nada havia ocorrido no sentido de executá-lo e o processo de deterioramento do patrimônio urbano e arquitetônico de *Santiago Poniente* só havia se agravado (MURTINHO, 2011); é neste contexto que se dá a proposição do segundo projeto para este bairro.

3. SANTIAGO PONIENTE CONCILIATÓRIO: O PROJETO URBANO COMO NORMATIVA

Em 1991, quando parte dos membros daquele coletivo originário – notadamente, Cristián Boza, Humberto Eliash, Pedro Murtinho e Manuel Moreno – organizava o *V Seminario de Arquitectura Latinoamericana* (SAL)¹¹ e definia quais seriam os projetos que representariam o Chile neste evento, decidiu-se por reunir novamente uma equipe e apresentar uma proposta para o bairro *Santiago Poniente*. Antes de passar-se a exposição deste novo projeto, é necessário uma um breve parênteses sobre o evento para o qual foi preparado.

Dissonante com o que fora habitualmente escrito e divulgado sobre estes seminários, o V SAL, realizado em Santiago do Chile, não fora pautado em questões referentes à “modernidade apropriada” ou à interação entre “o espírito do tempo e o do lugar” (cf. SOUZA, 2013). A equipe responsável por sua orquestração, tratou de estabelecer em sua convocatória — assinada por Enrique Browne, Cristián Fernández Cox, Pedro Murtinho — um minucioso enquadramento das palestras e dos projetos a serem apresentados neste evento que teve como subtítulo: “*Nuestros espacios públicos: Propuestas Morfológicas*”. Nesta, declarava-se publicamente o objetivo de promover a ampliação da atuação dos SAL; este deveria passar a contemplar, também, a reflexão em forma de projeto, abordando a temática da deterioração do espaço urbano das cidades latino-americanas, e a buscar a definição de orientações comuns para reversão deste processo:

Não pode deixar de nos inquietar o fato de, apesar de termos alcançado no plano da obra arquitetônica em si algumas atitudes e critérios comuns, estarmos muito longe de que ocorra o análogo no espaço urbano. Não temos posturas claras para a ampla diversidade de situações urbanas concretas tais como: o centro histórico, a periferia marginal, a cidade moderna de grande altura, a cidade moderna de média altura, a cidade jardim ou o “subúrbio norte-americano” de um ou dois pavimentos, etc. (BROWNE et al, 1991).

Neste contexto, Pedro Murtinho, Cristián Fernández Cox e Humberto Eliash organizaram-se em uma equipe e desenvolveram uma nova proposta para o bairro *Santiago Poniente* especificamente para ser apresentada

¹¹ Seminários realizados com periodicidade bianual desde 1985 (cf. SOUZA, 2013).

no V SAL – enquadrando-o dentro da temática do centro antigo. A retomada desta área de estudo e de sua problemática de projeto foi justificada por Eliash como um compromisso:

Havíamos levantado [o questionamento sobre *Santiago Poniente*] na primeira bienal e sentíamos que devíamos nos encarregar do filho que havia ficado ali. Por isto resolvemos postulá-lo novamente. [...] Nós sentíamos que o [projeto para *Santiago Poniente*] que havíamos desenvolvido no ano de 1977 – um pouco panfletário, quase um manifesto [...] – tinha que ser superado agora e nós deveríamos lhe introduzir elementos de gestão e de planejamento contemporâneos que pudessem aproximá-lo da realidade (ELIASH, 2011).

A busca por uma maior possibilidade de concretude e de consecução na transformação urbana, destacada por Eliash em seu depoimento, é, certamente, uma das principais tônicas que diferenciam o ambicioso projeto de 1977 para 69 hectares e a moderada proposição de revisão das normas edilícias em 1991 experimentada em apenas 6 hectares. Deve-se ressaltar, no entanto, que, no momento de realização desta segunda proposta, muitos dos grandes projetos urbanos já estavam concluídos ou em vias de conclusão – veja-se, entre outros: o IBA Berlim, as reconversões das áreas de docas de Londres e as de Amsterdã, os grandes projetos de Mitterrand e os projetos urbanos de Barcelona para as Olimpíadas de 1992 –, sendo a maior parte deles executada por meio de instrumentos legais complexos que viabilizavam a gestão de operações urbanas por meio de parcerias público-privadas. Portanto, opção por uma simplificação no processo de execução da proposta apoiando-se para tal na revisão de normativas, explica-se pelo contexto próprio chileno daquele momento: entrava-se em um ciclo de expansão econômica e, mais especificamente, da construção civil; no contexto de um Estado diminuto – devido a implementação de políticas neoliberais – e de grande demanda por produção edilícia, as questões pragmáticas pareciam ter maior apelo.

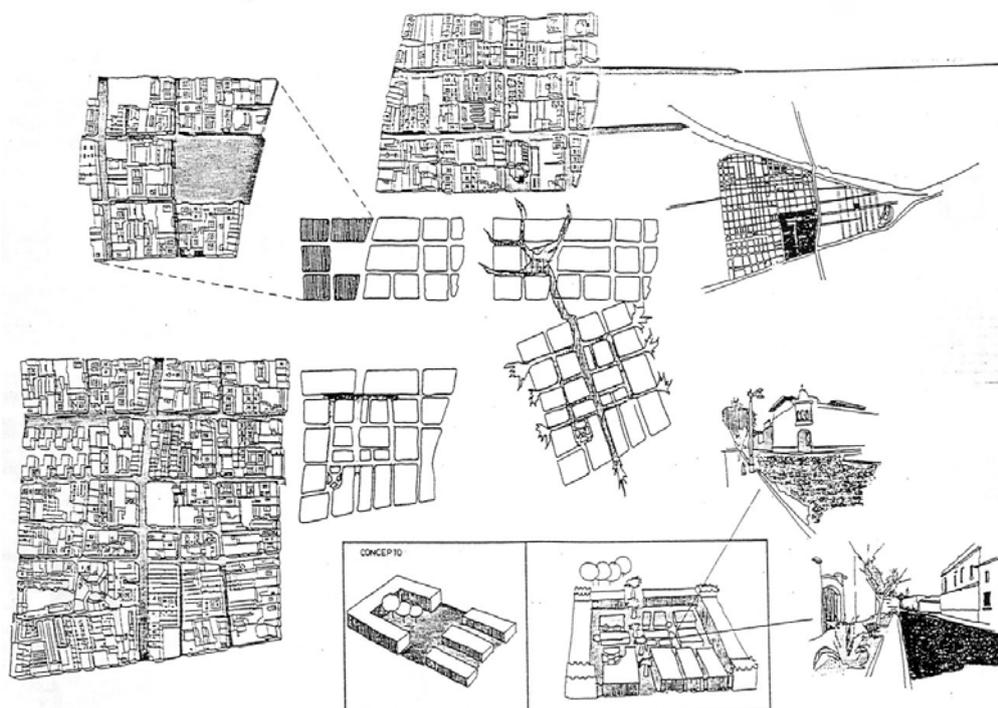


Figura 6: Croquis que sintetizam a leitura e o conceito da proposta de revisão de normas para *Santiago Poniente* desenvolvida em 1991. Fonte: MURTINHO et al, 1991.

O interesse renovado pelo pragmatismo das normativas e a necessidade de que os arquitetos dedicassem atenção a estas eram inclusive defendidos na convocatória do V SAL (BROWNE et al, 1991)¹² como um possível substituto contemporâneo aos antigos acordos coletivos que garantiam no passado a qualidade do espaço urbano:

¹² “É surpreendente a pouca atenção que nós arquitetos demos a estas normativas tão decisivas” (BROWNE, 1991: 2-3).

Desaparecidos ou muito enfraquecidos, os antigos acordos culturais tácitos do passado – que constituíam os “*genius loci*” urbanos – restam hoje principalmente os acordos racionalmente explícitos, constituídos pelas normativas morfológicas que conformam ou desconformam a cidade (BROWNE, 1991:2-3).

Logo, a equipe composta pelos escritórios *Murtinho & Associados*¹³; *Cristián Fernández & Associados*¹⁴ e Manuel Fernández¹⁵ – que participou como consultor (ELIASH, 2011) – trabalhou com afinco durante três meses na elaboração da proposta que foi apresentada no V SAL. O pragmatismo estendia-se para além do fato de buscar uma fácil viabilização da execução da proposta; pretendia-se, também, que houvesse interesse por parte do setor imobiliário em fazê-lo. Logo, a revisão de normativas propostas para *Santiago Poniente* não deveria reduzir a possibilidade de lucro imobiliário na área: “A ideia é que se construísse o mesmo, porém com uma normativa que permitisse não destruir *Santiago Poniente*” (MURTINHO, 2011).

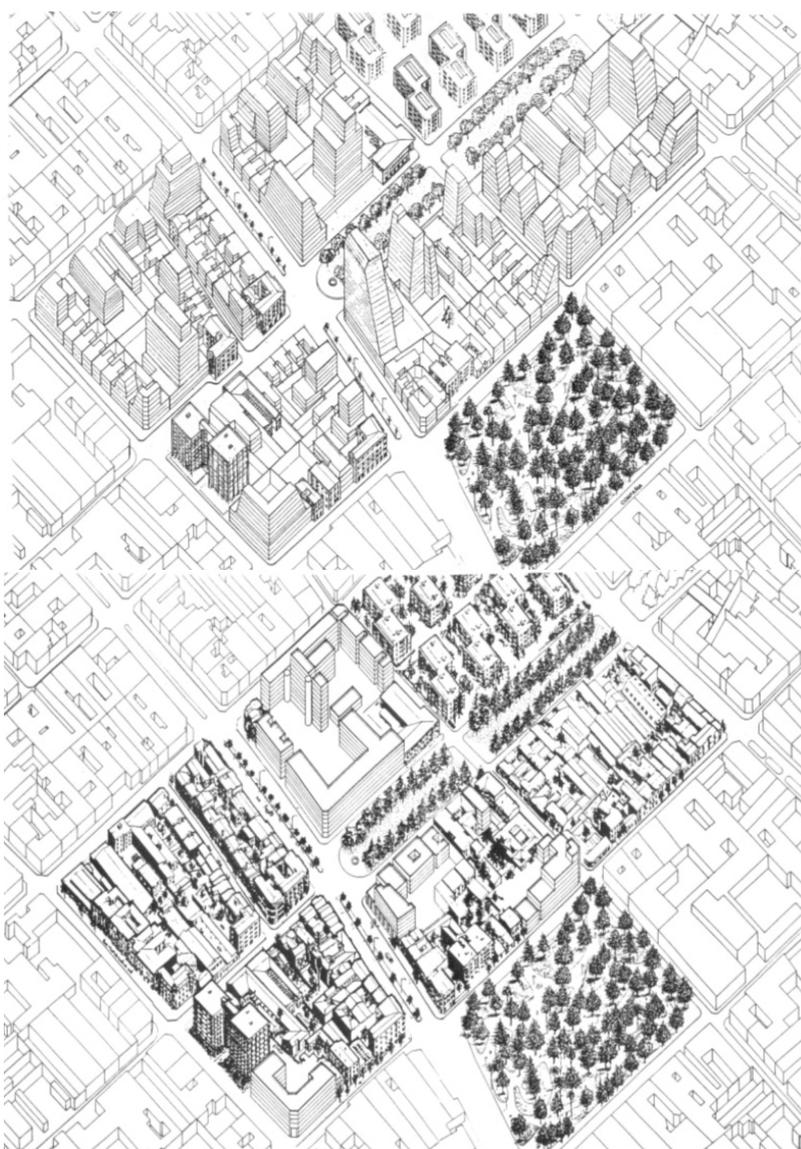


Figura 7: Simulação da aplicação das normas vigentes para Santiago Poniente em 1991. Fonte: MURTINHO et al, 1991.

Figura 8: Entorno da Praça Brasil após simulação da revisão das normas proposta por Murtinho y Asociados, Cristián Fernández y Asociados e Manuel Fernantes, 1991. Fonte: MURTINHO et al, 1991.

Para tanto, a equipe apoiava-se em estudo tipo-morfológico simplificado, porém metódico, que buscava caracterizar a área do entorno da Praça Brasil¹⁶ “como arremate da continuidade da área central e como um

¹³ Escritório então composto por: Pedro Murtinho; Ricardo Contreras; Luis González M.; Humberto Eliash D. e Santiago Raby P.

¹⁴ Escritório de Cristián Fernández Cox e Cristián Fernández Eyzaguirre.

¹⁵ Manuel Fernández, doutor pela Universidade Técnica de Munique, era então decano da Facultad de Arquitectura y Urbanismo da Universidad de Chile.

¹⁶ Foi utilizado como recorte para análise tipo-morfológica a área delimitada pelos seguintes arruamentos: a avenida *Norte-Sur* a leste, a alameda *Bernardo O'Higgins* ao sul, a rua *Catedral* ao norte e a rua *Ricardo Cumming* a oeste (MURTINHO et al, 1991).

setor interno protegido por bordas” (MURTINHO et al, 1991:3). Neste, abordam-se de forma esquemática os seguintes aspectos: relação entre o todo e suas partes, tipos de quarteirões, estrutura do parcelamento, caracterização volumétrica e de fachadas dos tipos edifícios. Estas análises gráficas foram antecedidas por breve caracterização histórica da constituição da área de estudo (MURTINHO et al,1991). A caracterização dos principais traços da relação entre os tipos edifícios e a morfologia urbana – apoiada em estudos que estavam sendo realizados junto à *Universidad de Chile*¹⁷ e apresentada nas pranchas expostas no V SAL – contrastava com a informalidade do levantamento por meio de croquis a mão livre e fotografias que apoiava a proposta desenvolvida em 1977 (CEDLA, 1977 e 1978).

Um componente de imediatismo subliminar marcava na proposição deste projeto apresentado logo após a abertura do evento – em sessão da qual participou o então prefeito de Santiago do Chile. Como revelou Humberto Eliash em entrevista, havia, por parte da comissão de organização do evento, a ambição de que o seminário servisse para validar, após o debate em profundidade, algumas das propostas apresentadas, bem como para “articular algo com algum governo ou algum prefeito”(ELIASH, 2011). Almejava-se que estas pudessem ser colocadas em prática: “Efetivamente, nosso discurso aspirava transformar a cidade, não era somente com um objetivo de conhecimento erudito ou puramente acadêmico [...]. Aspirávamos introduzir com isto mudanças na maneira que se fazia a cidade” (ELIASH, 2011).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concebidas em momentos distintos da discussão pertinente aos projetos urbanos – uma quando se ensaiavam as primeiras traduções dos estudos tipo-morfológicos, a outra quando despontavam as primeiras grandes operações urbanas consorciadas no cenário internacional –, o tom panfletário da primeira concepção para *Santiago Poniente*, diverge significativamente do tom pragmático da segunda. No final dos anos 1970, a proposta para aquele bairro era concebida quase como um projeto teórico – ou seja, como um instrumento de investigação de possibilidades alternativas sem vínculos com uma possível execução, tal qual eram as contrapropostas de Léon Krier naqueles anos (SOUZA, 2005). No início dos anos 1991, no entanto, esta resumia-se a um pragmatismo simplificador que se reduzia a parâmetros mínimos que pudessem ser realizados inteiramente pelo mercado imobiliário, sem qualquer interferência direta do Estado.

Ainda que seus autores os compreendessem como uma continuidade, ao se comparar os dois projetos, observa-se que não somente o tom pragmático os distanciam: do debate que havia motivado a “*manzana-block*” no final dos anos setenta, permaneceu nos anos 1990 apenas a ideia de definir claramente a forma da quadricula com o conjunto edificado – ou seja, a busca pela fachada contínua. Logo, como alternativa as leis então vigentes que permitiam a construção de torres de até trinta pavimentos com tangentes em *Santiago Poniente* (MURTINHO, 2011), a proposta dos escritórios *Murtinho & Asociados* e *Cristián Fernández & Asociados* propunha a construção contínua junto ao alinhamento da rua com seis pavimentos, tal qual a proposta de 1977. A estrutura do parcelamento e dos quarteirões, no entanto, mantinha-se nesta nova proposta inalterada, nenhuma tentativa foi realizada no sentido de incorporar as *cités* e as travessas que outrora constituíam elementos essenciais no quarteirão do projeto do CEDLA. Contudo, a despeito de sua inserção em contextos culturais e momentos profissionais distintos e do fato que elementos importantes da proposta original tenham se perdido ao longo dos anos, ambos os projetos são concebidos como forma de investigação sobre o território e como forma de revelar e valorizar os padrões tipo-morfológicos neste identificados.

O cotejamento ensejado ao longo deste artigo revela, portanto, a amplitude conceitual do que se entende como projeto urbano no contexto latino-americano: desde a proposição de uma nova estrutura de parcelamento entre os espaços públicos e privados à simples revisão da normativa que considera os aportes do Desenho Urbano.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRAGHI, M. (2008) *Storia dell'architettura contemporanea II. 1945-2008*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi.

BOZA, C. et al (1980) *Taller Boza-Duval-Moreno: nivel ejercitación*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, Escuela de Arquitectura.

¹⁷ Os desenhos de análise tipo-morfológica apresentados nas pranchas foram elaborados por Pablo de la Llera, então aluno de mestrado, orientado por Manuel Fernández, na *Universidad de Chile* (MURTINHO et al,1991).

BOZA, C. (2011) *Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza*, Santiago do Chile, 10 de agosto (Gravação em arquivo digital).

BORJA, J. (2003) *La Ciudad Conquistada*. Madrid: Alianza Editorial.

BROWNE, E. et al (1991) Convocatoria del V Seminario de Arquitectura Latinoamericana. Nuestro Espacio Urbano: Propuestas Morfológicas. En: BOZA et al (comps.) V Seminario de Arquitectura Latinoamericana. Nuestro Espacio Urbano: Propuestas Morfológicas. Santiago do Chile.

BUSQUETS, J. (2008) *Defining the Urbanistic Project: Ten Contemporary Approaches*. En: KRIEGER, A. e SAUNDERS, W. (comps.) *Urban Design*. Minneapolis/London: University of Minesota Press.

CALABI, D. (2012) *História do Urbanismo Europeu*. São Paulo: Perspectiva.

CEDLA (1977). Anteproyecto Santiago Poniente. *CEDLA (Santiago do Chile)*, 1, 35-40.

CEDLA (1978). Remodelación de Santiago Poniente 2. *ARS (Santiago de Chile)*, 1, 15-26.

DOMEYKO, F. (1974). Tissu Urbain San Pablo / Santiago du Chili. Exposé du Problème et des Conclusions. *A+ (Bruxelas)*, 7, 22-40.

ELIASH, H. (1993). *La arquitectura de Cristián Boza : un eclecticismo apasionado*. Santiago do Chile: Ediciones ARQ.

ELIASH, H. (2011). *Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza*, Santiago do Chile, 2 de agosto (Gravação em arquivo digital).

GRETHER, F. (200) *Le projet urbain et ses règles Aujourd'hui*. En: MASBOUNGI, A. (org.). *Projets Urbains en France*. Paris: Le Moniteur, 2002

HALL, P. (1988) *Cities of Tomorrow*. An Intellectual History of Urban Planning and Design Since 1880. Oxford: Blackwell.

HALL, P. (1975) *Urban & Regional Planning*. New York: Pelican Book.

HUET, B. (1987) A cidade como Espaço Habitável (alternativas à Carta de Atenas). *Arquitetura e Urbanismo (São Paulo)* n. 10, 82-87.

INGALLINA, P. (2001) *Le Projet Urbain*. Paris: Presser Univertaires de France.

LABBÉ A., E. et al (1971). *Remodelación de San Borja*. Santiago do Chile: MINVU/CORMU.

LIERNUR, J. (2009) *Portales del Laberinto. Comentarios sobre la Arquitectura em Chile, 1977-2007* En: LIERNUR (comps.) *Portales del Laberinto. Arquitectura y Ciudad en Chile, 1977-2009*. Santiago de Chile: Universidad Andrés Bello.

LUNGO, M. (2005) Grandes Proyectos Urbanos. Una visión general. *Urbana*, 37, 15-43.

KRIER, L. (1978). *Building-block*. KRIER, L. (comps.), *Rational Architecture : The Reconstruction of the European city (74-82)*. Bruxelles: A.A.M.

KRIER, L.; SOLÁ-MORALES, M. (1978) Ensache Cerdá. A project and a debate. *Lotus (Milão)*, 19, 33-36.

MARTINS, A. A. (2012) *Transformação urbana. Projetando novos bairros em antigas periferias*. Brasília: Thesaurus.

MASBOUNGI, A. (2002) *Projet Urbain à la Française*. En: MASBOUNGI, A. (comps.). *Projets Urbains en France*. Paris: Le Moniteur.

- MURTINHO, P. et al (1991) *Proposición de normativa urbana para Santiago Poniente*. En: BOZA et al (comps.) V Seminario de Arquitectura Latinoamericana. Nuestro Espacio Urbano: Propuestas Morfológicas. Santiago do Chile.
- MURTINHO, P. (2011). Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza, Santiago do Chile, 20 de agosto (Gravação em arquivo digital).
- MURTINHO, P. et al (1991) *Proposición Normativa Urbana – Barrio Santiago Poniente*. En: BOZA et al (comps.) Seminario de Arquitectura Latinoamericana. Nuestro Espacio Urbano: Propuestas Morfológicas. V, Santiago do Chile. *Anais...* Santiago do Chile : s.n.
- MONTEIRO, R. (2008) *Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos*. São Paulo: Cosac Naify.
- NICHOLSON, R. (1993) *El año en que vivimos en peligro*. En: ELIASH, H. La arquitectura de Cristián Boza: un eclectisismo apasionado. Santiago, Chile : Ediciones ARQ, 149-150.
- NOVICK, A. (2012) *Proyectos urbanos y otras historias*. Buenos Aires: Nobuko / SCA.
- NOVICK, A. (2009) Las dimensiones de la ciudad desde los planes y los proyectos. Historias, palavras e livros , *Registros (Mar del Plata)*, 6.
- NOVICK, A. (2005) Planes versus proyectos: algunos problemas constitutivos del urbanismo moderno. Buenos Aires, 1910-1936. *Arquitextos* (São Paulo), 057.01. Disponível em: www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/497. Acessado em: 10/02/2016.
- PAVEZ REYES, M. I. (2003) *En la ruta de Juan Parrochia Beguin – Premio Nacional de Urbanismo Chile 1996*. Santiago: Facultad de Arquitectura y Urbanismo/Universidad de Chile.
- PORTAS, N. (1996) *Urbanismo e Sociedade. Construindo o futuro*. En : MACHADO, D. P. et al (comps.). *Cidade e Imaginação*. Rio de Janeiro : PROURB.
- PORTAS, N. (2004) *De una ciudad a otra: perspectivas periféricas*. En: RAMOS, A. M. (comps.) *Lo Urbano en 20 Autores*. Barcelona: UPC.
- RAMÓN, A. (2000) *Santiago de Chile (1541-1991). História de una Sociedad Urbana*. Providencia: Editorial Sudamérica.
- SECCHI, B. (2006) *Primeira Lição de Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva.
- SECCHI, B. (2009) *A cidade do século XX*. São Paulo: Perspectiva.
- SOLA-MORALES, M. (1987) La segunda historia del Proyecto Urbano. *Revista UR (Barcelona)*, n. 5.
- PÉREZ OYARZUN, F. (2009) *Arquitectura, cultura y práctica profesional en Chile* En: LIERNUR (comps.) Portales del Laberinto. Arquitectura y Ciudad en Chile, 1977-2009. Santiago de Chile: Universidad Andrés Bello.
- SOUZA, G. B.; TORRENT, H. (2014) *Lecture di L'Architettura della Città in America Latina: Uno scambo tra argentini e cileni alla fini degli anni settanta*. En: FERLENGA, A. et al (comps.) Aldo Rossi, la Storia di un Libro. L'Architettura della Città, dal 1966 ad oggi. 1 ed. Padova : IUAV / Il Poligrafo, 163-176.
- SOUZA, G. B. (2013) *Tessituras híbridas ou o duplo regresso: encontros latino-americanos e traduções culturais do debate sobre o retorno à cidade*. Tese de doutorado. São Paulo, FAU USP.
- SOUZA, G. B. (2005) *Re-dizer e Des-dizer: O Novo Urbanismo na Europa*. Topos: Revista de Arquitetura e Urbanismo (Belo Horizonte), 04, 113-123.
- SOUZA, G. B. (2015) Ecos londrinos via chilenos Conexões entre Léon Krier, Fernando Montes, Rodrigo Perez de Arce e o coletivo CEDLA. *Arquitextos (São Paulo)*, v. 184, 02.